



**Fundação Escola de
Sociologia e Política
de São Paulo.**

RECONHECIMENTO DESDE 1933

**PÓS-GRADUAÇÃO - ESPECIALIZAÇÃO
CURSO DE GLOBALIZAÇÃO E CULTURA**

KELVIANE DA SILVA LIMA

**THEY CAN DO IT: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DRAG
QUEENS EM SÃO PAULO**

SÃO PAULO

2016

KELVIANE DA SILVA LIMA

**THEY CAN DO IT: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DRAG
QUEENS EM SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de pós-graduação em Globalização e Cultura, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Globalização e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Isabela Oliveira

SÃO PAULO

2016

Biblioteca FESPSP Catalogação na Publicação (CIP)

306.778 098 161

L732t Lima, Kelviane da Silva.

They can do it : um estudo sobre a experiência de mulheres drag queens em São Paulo / Kelviane da Silva Lima. – 2016.

32 f. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabela Oliveira Pereira da Silva.

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso (Especialização em

Globalização e Cultura) – Escola de Sociologia e Política, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

1. Drag queens – São Paulo. 2. Empoderamento. 3. Gênero. 4. Feminismo. I. Silva, Isabela Oliveira Pereira da. II. Título.

CDD 23 ed.: Transvestismo – São Paulo: 306.778 098 161

Resumo

Neste artigo, registro e analiso como pode ser para uma mulher a experiência de atuar como uma drag queen, tomando como objeto de estudo seis mulheres, de 17 a 30 anos, moradoras da cidade de São Paulo, que performam como drags. Durante a busca pelos meus objetos de estudo, tentei trazer nessas personagens perfis distintos que, juntos, tornariam a amostra mais representativa, como classes, etnias, características estéticas e estilos de vida diferentes. No entanto, com relação à classe monetária e à etnia, há um padrão dominante branco e de classe média. Cinco delas são integrantes do coletivo Riot Queens. Criado pouco antes do início dessa pesquisa, ele tem o objetivo de apoiar e reunir mulheres drags de todo o Brasil. Por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com observação participante e entrevistas estruturadas e informais, além da análise dos conceitos de drag queen, gênero e empoderamento feminino trazidos por autores clássicos e contemporâneos, observei que, ao ocupar um espaço originalmente masculino e gay, essas personagens integram uma nova proposta de ativismo por meio de agendas relacionadas à luta feminista, como a busca pelo empoderamento e a contestação de padrões de beleza e de imposições relacionadas a identidades de gênero, além de apresentar um posicionamento político de esquerda. Para fins de estruturação e delimitação do desenvolvimento e da discussão desta pesquisa, trabalho com os seguintes questionamentos: mulher pode ser drag queen? Para elas, o que significa ser uma drag queen? O que isso proporciona para elas como mulheres? Como lidam com o preconceito de atuar como drags no meio LGBTQI? Este trabalho não tem a pretensão de formar uma análise conclusiva sobre os conceitos aqui analisados, mas expandir a proposta do ser drag queen como algo fluido e mutável, que vai além de restrições de identidade de gênero e imposições de um perfil feminino específico para sua caracterização. Aqui, o principal é entender de que forma as personagens estudadas compreendem o fazer drag e o que isso traz para elas, que, como pude analisar, está diretamente relacionado à liberdade e ao empoderamento, o que dá forças para lutarem contra o preconceito sofrido dentro do meio LGBTQI e conquistarem um espaço que, segundo elas, deve pertencer a todos.

Palavras-chave: Drag queens; São Paulo; Empoderamento; Gênero; Feminismo.

Abstract

In this paper I analyze how the experience of being a drag queen for women. The subject of study includes six women from 17 to 30 years old living in the city of Sao Paulo, who perform as drags. Along the research I tried to bring distinct profiles that together would make a more representative sample such as different classes, ethnicities, aesthetic characteristics and life styles. However, about monetary class and ethnicity most of them are middle-class and white. Five of them are members of Riot Queens collective. Founded just before the beginning of the research. It aims to support and gather women drags from all over Brazil. Through a qualitative ethnographic research with in site observation and structured and informal interviews, as to the analysis of the concepts of drag queens, gender and feminine empowerment brought by classic and contemporary authors, I observed, by occupying a space originally male and gay, these characters form a new proposal of activism through agendas related to the feminist struggle, such as the search for empowerment and the challenge of beauty standards and impositions related to gender identities. As well as presenting a left-wing political position. For purposes of structuring and verging the development and discussion of this research, I work with the following questions: Can a woman be a drag queen? To them, what does it mean to be a drag queen? What does this provide for them as women? How they deal with the prejudice of acting as drags in the LGBTQI environment? This paper does not pretend to form a conclusive theory about the concepts analyzed here but expand the proposal of being a drag queen like something fluid and changeable. That goes beyond restrictions of gender identity and impositions of a specific feminine profile for its characterization. The purpose here is to understand how the characters studied here interpret the act of being a drag queen and what it brings to them, which, as I have been able to analyze is directly related to freedom and empowerment. Giving them the strength to fight against the prejudice in LGBTQI scene and conquer a space that, according to them, must belong to all.

Keywords: Drag queens, Sao Paulo, empowerment, gender, feminism

1. Introdução

No começo do ano, por meio de uma matéria no site de conteúdo alternativo Freak Market¹, soube pela primeira vez da existência de drag queens mulheres. A matéria trazia a história de Sophie Van der Beek, personagem da cearense Kysia Stockmayer, identificada como uma das primeiras drag queens mulheres do Brasil. Após essa descoberta, questionei internamente a legitimidade de uma mulher atuando como drag queen, afinal, o processo de se maquiar, construir traços femininos e colocar um salto alto é muito mais fácil para elas, tornando a “concorrência” injusta, certo? Errado. Ao iniciar minha pesquisa para este artigo, percebi que não era bem assim.

Em um primeiro momento, pensei em trabalhar com uma comparação entre drag queens mulheres e homens. No entanto, após um processo de pesquisa no qual fui me aprofundando, resolvi mudar o direcionamento da minha abordagem. Assim, considerei que seria muito mais interessante propor uma reflexão ainda pouco explorada no meio acadêmico brasileiro: a mulher não só pode ser drag queen como já está sendo, e ela não se importa com possíveis impedimentos, limitações ou julgamentos, o que elas querem é ser livres e donas de si.

Neste artigo, registro e analiso como pode ser a experiência drag queen para uma mulher. Baseada em minhas observações de campo, pude perceber que, ao ocupar um espaço originalmente masculino e gay, essas mulheres integram uma nova proposta de ativismo por meio de agendas bastante relacionadas à luta feminista, como a busca pelo empoderamento - no qual, em meio à repressão de uma sociedade patriarcal, a mulher descobre a possibilidade de decidir sobre sua própria vida nos espaços públicos e privados (MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008) -, a contestação de padrões estéticos e a desconstrução de imposições relacionadas a identidades de gênero.

Como principais questionamentos analisados, trago: mulher pode ser drag queen? Para elas, o que significa ser uma drag queen? O que isso proporciona para elas como mulheres? Como lidam com o preconceito de atuar como drags no meio LGBTQI²?

Para analisar a proposta apresentada, foi definido como objeto de estudo seis mulheres que moram e atuam como drag queens na cidade de São Paulo. Buscou-se nessas personagens

¹ “A menina que virou drag queen”. Disponível em: <<http://goo.gl/e4DWim>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

² Sigla para Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Questioning and Intersex. Disponível em: <<http://goo.gl/v5AUEH>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

perfis distintos que, juntos, tornariam a amostra mais representativa. A primeira entrevistada foi uma menina de 17 anos que começou a se montar³ há oito meses e realizou sua primeira apresentação durante o processo de produção deste trabalho. Logo em seguida, foram entrevistadas cinco meninas com idade entre 19 e 30 anos. Juntas, formaram o coletivo Riot Queens, que, segundo elas, tem como objetivo apoiar e acolher mulheres drags de todas as regiões do Brasil, reforçando a legitimidade desse nicho como forma válida de representação artística e política. A primeira apresentação do coletivo também ocorreu durante a pesquisa, em uma festa já consolidada na cena LGBTQI de São Paulo, a *Cover Girl*. Organizada pela drag queen Divina Raio-Laser, personagem do ator Yheuri Kalil, a festa existe há três anos, ocorre todo mês e cede espaço para que drags queens – independente do gênero e tempo de carreira – mostrem seu trabalho. Em cada edição, são escolhidas as três melhores apresentações.

A partir do campo e objeto de estudo aqui especificado e classificado, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, no qual, por meio da observação participante intercalada por entrevistas estruturadas e informais, pude coletar e acompanhar a visão dos sujeitos pesquisados em diversos espaços de vivência durante um período variado para cada um, mas que levou, ao todo, três meses, de agosto a outubro de 2016. Ao longo desse convívio, busquei, de uma maneira geral, compreender e encontrar significados por meio de narrativas verbais e de observações presenciais.

Neste artigo, trago uma análise dos conceitos de drag queen, gênero e empoderamento feminino a partir de autores como Butler (1998 e 2015), Louro (2004), Scott (1989), Filho (2004), Vencato (2002), Maluf (1999), Santos (2012), Fagner (2012), Souza (2013), Mageste; Melo e Ckagnazaroff (2008), Martins (2003) e Gadelha (2009) associados a uma interpretação e comparação com a pesquisa etnográfica realizada com os objetos de estudo citados.

2. Entendendo os conceitos: drag queen, identidade de gênero e empoderamento

Antes de dar início aos relatos etnográficos deste trabalho, considero importante entender um pouco sobre os conceitos utilizados para analisar a vivência das personagens aqui estudadas.

³ De acordo com Jatene (1996) *apud* Vencato (2002, p.38), se montar é “... um verbo constantemente usado no vocabulário dos drag queens, que significa o ato de montar a personagem, criando todos os aspectos que irão compô-la, desde seu codinome, sua indumentária, maquiagem, comportamento, modo de falar, etc”.

Fazendo um breve apanhado histórico do que pode ser entendido como drag queen a partir da análise de alguns autores e do meu estudo, é possível perceber que, ao mesmo tempo que as várias noções do que é uma drag queen são delimitadas a partir de formatos e características similares, há também a intenção de não repassar algo muito impositivo ou fechado, dando a impressão de um conceito muito mais subjetivo. Isso, claro, se deve muito ao fato do fazer drag queen ser algo extremamente complexo para embalar em uma única caixa, além de ser algo que está em constante mutação. Entende-se, assim, o corpo drag como algo fabricado em espaço ficcional, plástico e efêmero (VENCATO, 2002 *apud* FAGNER, 2012). Maluf (1999) *apud* Vencato (2002) analisa essa questão da efemeridade na definição do que é ser drag queen da seguinte forma:

Essa pessoa do travesti, da dragqueen, do transexual não pode ser apreendida a partir da noção de identidade. Ela é um ser em transformação, um vir a ser – que reatualiza de forma continuada esse devir. Um ser que se faz sendo. Essa inscrição de um desejo em um corpo deve ser sempre reatualizada, reafirmada. Sujeito soberano em seu desejo: é ele que faz e refaz o ser, nem deus, nem a natureza, nem, de certa forma, a Cultura – com c maiúsculo (MALUF, 1999 *apud* VENCATO, 2002, p.124).

A efemeridade e a pluralidade do fazer drag também estão presentes na análise de Santos (2012), que alia esses aspectos à questão da fluidez de gênero intrínseco a essa prática:

A partir da experiência drag queen é encontrada a situação de “livre trânsito”, marcada pela efemeridade de um corpo plástico e performático, que remete a questionamentos de ordem política e social. Nesse sentido, ser drag significa assumir uma pluralidade, não apenas de características relativas à aparência dos corpos, mas uma fluidez provocada por um corpo caracterizado pelo hibridismo, que adquire ressignificação no momento em que se localiza “entre fronteiras” de gênero (SANTOS, 2012, p.72).

Sobre o surgimento do termo drag queen e da sua classificação, Fagner (2012) explica que a terminologia surgiu na cena gay norte-americana e, originalmente, era utilizada para se referir a homens que realizavam performances artísticas caracterizadas especialmente pela inversão de gênero. De acordo com Newton (1979) *apud* Fagner (2012), “queen” seria um substantivo genérico para homens homossexuais. Já a palavra “drag” poderia ser utilizada tanto como adjetivo ou substantivo. No entanto, como substantivo, significaria a forma de se vestir de um gênero por outro. Assim como afirma Panati (1998) *apud* Vencato (2002), nos países de língua inglesa, a palavra drag sozinha designa cross-dressing de qualquer ordem: travestismo, fetichismo, drag kings, vestir roupas “do sexo oposto” e, claro, drag queens.

Encaradas por Santos (2012) como corpos ambíguos, artificialmente híbridos e construídos para o espetáculo, as drag queens têm como principais destaques nos conceitos

dos autores aqui estudados a observação da maquiagem, do figurino e da construção do personagem a partir desses e de outros instrumentos físicos voltados para sua caracterização.

Para Gadelha (2009):

Esses corpos são minuciosamente manufaturados através de um processo conhecido por montagem. Pintados, travestidos e adornados às mil maneiras, muitos desses corpos montados se apresentam como verdadeiros artefatos rizomáticos. Em tais montagens, quase tudo pode ser traçado: animalidade, feminilidade, masculinidade etc. O corpo montado de uma drag pode ter asas como as de um dragão; possuir seios; ter chifres; seus olhos podem ser marrons, vermelhos, violetas ou de qualquer outra cor; seus cabelos são de perucas, cujos fios podem exibir diversas cores, texturas e tamanhos; suas vestimentas (sempre femininas) estão mais próximas de fantasias carnavalescas; e seus pés costumam apresentar-se calçados em sapatos de saltos elevadíssimos (GADELHA, 2009, p.19).

O conceito trabalhado por Fagner (2012) faz parte do mesmo princípio de análise: “tais sujeitos são particularizados pela aparência construída através de cores e formas exageradas, e que geralmente está associada a espetáculos de dublagem de artistas famosos ou números de humor” (FAGNER, 2012, p.18).

Ao falar de hibridismo, identidade, corpos em mutação etc., é importante entender de onde partem esses conceitos e de que forma eles são e devem ser aplicados à vivência das drag queens como seres pertencentes a um ideal de fluidez e até mesmo de negação de gênero.

Existente desde o século XIX, o feminismo ultrapassa sua condição de movimento social organizado, desde a década de 1950, quando, além de preocupações sociais e políticas, passa a se voltar para construções propriamente teóricas, quando começam a surgir os estudos da mulher (LOURO, 2003 *apud* GADELHA, 2012). A partir desses debates, passa a ser pensado de forma elaborada o conceito de gênero.

Em seu livro Problemas de gênero (2015), Butler afirma que, na sociedade ocidental, estamos diante de uma “ordem compulsória” que impõe uma coerência entre o sexo, o gênero e um desejo/prática obrigatoriamente heterossexuais. Para ela, precisamos subverter essa obrigatoriedade. Sobre esse mesmo pensamento de Butler, Santos (2012) reflete a partir das análises de outros autores:

Seguindo o pensamento de Mauss podemos perceber que os corpos são educados e repetidos de modo a assimilarem padrões de comportamento e personalidade, e principalmente gêneros. Nesse sentido, a historiadora Joan Scott (1990) fala de “gênero” para se referir às relações sociais entre os sexos, observando que ele “torna-se, antes, uma maneira de indicar ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (07), caracterizando-se pela imposição de categorias sociais a um corpo

anatomicamente sexuado. Portanto, sobre o corpo natural é atribuída a ordem do que é considerado masculino ou feminino em uma sociedade (SANTOS, 2012, p.68).

Para Scott (1989), entender gênero também é reconhecer que homem e mulher são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes: “vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas” (SCOTT, 1989, p.28).

Ainda sobre o pensamento de Scott sobre gênero, Souza (2013) explica:

Para Scott, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p.14). Assim, seria necessário relativizar o que entendemos por homens, mulheres, masculinos e femininos, de modo a não apenas repetir e inseri-los em categorias já dadas, atentando para como o que é entendido por “natural”, isto é, o corpo, o sexo, a biologia, é, na verdade, “engendrado”, inscritos em sentidos simbólicos históricos (SOUZA, 2013, p.4).

Já a proposta de Butler (2015) é que, em vez de se pensar gênero segundo a noção de identidade, melhor entendê-lo como performativo, sendo uma ação e nunca uma totalidade, uma produção complexa e inacabada. No entanto, Gadelha (2012) destaca que, no pensamento da filósofa, é preciso ter cuidado para não confundir performance de gênero com identidades de gênero, já que estas correspondem ao fato de que os agentes identificam-se social e historicamente como masculinos ou femininos.

Ao citar Deleuze, Souza (2013) reflete o quanto corpos devem significar mais do que apenas uma definição de gênero:

Nesse sentido, concordamos quando Deleuze afirma que “os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação. Você ainda não definiu um animal enquanto não tiver feito a lista de seus afetos. Neste sentido, há mais diferença entre um cavalo de corrida e um cavalo de trabalho do que entre um cavalo de trabalho e um boi” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 74). Ou, ainda, que “um animal se define menos por seu gênero ou sua espécie, seus órgãos e suas funções, do que pelos agenciamentos nos quais ele entra” (idem, p. 83) (SOUZA, 2013, pp. 8 e 9).

Por fim, necessitamos falar sobre o conceito de empoderamento feminino. Segundo Martins (2003), entende-se por empoderamento a transformação de um sujeito em agente ativo por meio de processos que variam de acordo com a situação e o contexto. A origem do conceito, segundo Antunes (2002) *apud* Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008), surgiu dos movimentos de direitos civis nos Estados Unidos nos anos 1970 em conjunto com a bandeira

do poder negro como uma forma de auto-valorização da etnia e conquista da cidadania plena. Ainda nessa década, o termo começou a ser utilizado pelo movimento feminista, sendo interpretado como a alteração dos processos e estruturas de subordinação das mulheres aos homens, passando a se referir a um conjunto de atividades que vão desde a afirmação individual até a resistência coletiva, o protesto e a mobilização para desafiar as relações de poder.

No entanto, sobre esse processo de empoderamento, os autores destacam o argumento de Leon (2000), que afirma que este não é um processo linear, com início e fim definidos, e que não ocorre de forma igual para todas as mulheres, sendo seus efeitos particularizados conforme história de vida, contexto, subordinação e localização.

Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008) propuseram, ainda, um modelo de processo de empoderamento das mulheres em três níveis, o individual, onde é considerada a relação do sujeito consigo mesmo; o relacional, onde são considerados os vínculos e as relações de poder com outros atores, como a família, a educação e a participação em grupos sociais; e o contextual, em que estão incluídas questões de alcance de bem-estar, segurança econômica, reconhecimento social, individual e coletivo.

De acordo com Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008):

Partindo-se do conceito de empoderamento que defende a transformação de um indivíduo em agente ativo é ela que deverá estar no centro desse processo. Nesse nível, é a partir de um projeto pessoal de ganho de poder e autonomia que ela começa a desafiar as barreiras e dificuldades que encontra. [...] Assim, nessa qualidade de agente do indivíduo está embutido o potencial de cuidar de si mesmo, isto é, se posicionar como sujeito do seu próprio crescimento e a possibilidade de interferir no seu ambiente como promotor de transformações sociais. Assim, o alcance da autonomia, assim como o aumento da força interior, da consciência, da auto-estima, da capacidade de decisão e de liderança entre outras qualidades configuram-se como uma das dimensões básicas do empoderamento. Entretanto, romper esse nível não é fácil (MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008, p.8 e 9).

3. Metodologia de estudo

O objetivo escolhido para esta pesquisa foi analisar a experiência de mulheres drag queens em São Paulo a partir de conceitos que, por meio das minhas observações de campo, estavam presentes na vivência dos objetos de estudo selecionados: empoderamento e feminismo, identidade de gênero e a própria compreensão do que é drag queen. Para esta abordagem, entendi que o mais apropriado seria trabalhar com a pesquisa de cunho etnográfico. De acordo com Magnani (2001):

Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido” (MAGNANI, 2001, p.17).

Suas principais características, presentes no manual de Métodos de Pesquisa organizado por Gerhardt e Silveira (2009), incluem o uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos; a interação entre pesquisador e objeto pesquisado; a ênfase no processo, e não nos resultados finais; a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências; a não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado; e a coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório, técnicas essas que foram amplamente utilizadas para este estudo, que foi delimitado a partir dos seguintes questionamentos: mulher pode ser drag queen? Para elas, o que significa ser uma drag queen? O que isso proporciona para elas como mulheres? Como lidam com o preconceito de atuar como drags no meio LGBTQI?

Por meio da observação participante intercalada por entrevistas estruturadas e informais - o que compreendi ser a forma mais indicada para captar uma variedade de situações ou fenômenos que poderiam não ser obtidos apenas por meio de perguntas -, além de uma pesquisa bibliográfica com autores clássicos e contemporâneos, analisei, durante os meses de agosto a outubro de 2016, seis mulheres que conheci via Facebook, com uma média de dois encontros para cada uma em um período variado, além de muitas conversas on-line e uma avaliação constante de seus perfis pessoais e de drags no próprio Facebook, onde sempre postavam informações sobre suas experiências cotidianas como drag queens. Montadas e desmontadas em suas casas, ambientes de convívio mútuo, locais de montagem e na rua, pude registrar e estudar a vivência delas como drag queens na cidade de São Paulo. Com os locais escolhidos, tive o objetivo de: 1) diversificar o espaço de vivência de cada uma, analisando a diferenciação de comportamento e experiências; 2) estabelecer contatos mais estreitos com as personagens para a coleta de informações e depoimentos; 3) entender e registrar o processo de transformação de pessoa para persona.

Sobre a importância do trabalho de campo e dessa vivência diversificada, Fagner (2012) analisa:

Nesse sentido, as ideias de James Clifford (2002) sinalizam para uma reflexão sobre o trabalho de campo, uma vez que propõe que “a observação participante obriga seus participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução”. (p.20). É a partir daí que se entende que o exercício antropológico inclui, não apenas um olhar distante, mesmo estando perto. Significa estar próximo, interagir com os atores para alcançar os significados de suas práticas a partir do discurso e da apropriação que fazem do arsenal simbólico presente em corpos, sociabilidades e representações de si mesmo (FAGNER, 2012, p.27).

Trazer a experimentação do personagem para mais próximo do pesquisador, algo que busquei fazer ao longo da minha pesquisa por meio dos recursos citados acima, também é um pensamento compartilhado por Geertz (2000), que avalia a etnografia não só apenas com o ato de olhar e anotar, mas com o ato de interagir e relacionar-se. Para o autor, não basta estar com o outro fitando seus trejeitos e anotando suas palavras, é preciso estar sujeito a sentir o que ele sente de modo diverso do dele.

Acredito que essa aproximação também me foi permitida de maneira mais fácil por estar em uma faixa etária e em uma situação de classe, de crenças e de vivência muito próximas das vivenciadas pelas minhas personagens, o que traz certa confiabilidade e identificação por parte do objeto estudado⁴.

É importante ressaltar que meu objetivo não foi obter verdades finais ou absolutas sobre drag queens mulheres, mas basear-me nos relatos de experiências e nos conceitos trazidos pelos autores estudados para, antes de tudo, contestar a ideia de unidade enraizada na compreensão do que é ser drag queen, entender suas multiplicidades e como as personagens analisadas aqui estão inseridas em um modo de atuação que traz para este meio novas agendas de ativismo voltadas para o feminismo e o empoderamento da mulher.

4. They can do it!⁵

Minha primeira entrevistada foi Anna Clara Bueno, uma jovem estudante branca e de classe média de 17 anos que é drag queen há oito meses. Magra e de cabelos lisos e escuros, Anna se considera dentro dos padrões de beleza atuais: “eu acredito que nasci com certas coisas que as pessoas consideram algo bom e dentro dos padrões, como lábios grossos, seios

⁴ Para este trabalho, destaco que tive o consentimento e autorização de uso do depoimento de todas as entrevistadas.

⁵ Referência à frase "We Can Do It!", presente em um cartaz criado em 1943 para ser usado como propaganda inspiracional nos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial. Criado por J. Howard Miller, o cartaz traz a figura de uma mulher trabalhadora, nomeada de "Rosie the Riveter" e inspirada na operária Geraldine Doyle. A imagem virou símbolo do feminismo no pós-guerra (BIRD; RUBENSTEIN, 1998).

grandes e a cor da pele, já que infelizmente ter pele clara é considerado algo melhor”. Para ser drag queen, ela criou a personagem Anubis Blackwood, “uma entidade que vive na Terra há muitos anos e é o elo mais fraco da ordem Illuminati, sendo encarregada de levar as pessoas para o submundo das drags”, como descreve. De todas as mulheres que entrevistei, Anna é a única que apresentou uma história específica para sua personagem. No entanto, em relação ao figurino, ela diz não se prender muito a um estilo específico. “Se eu quiser colocar um bigode nela, eu vou colocar, se eu quiser usar muitas cores ou nenhuma, eu vou usar”. Para suas montagens, Anna afirma ter um gasto mensal de 100 reais: “por eu fazer à mão a maioria das coisas, acabo gastando cerca de 100 a 120 reais, se contar peruca, tecidos, acessórios e tudo mais”.

Conheci a Anna no grupo do Facebook “Drags | BR” após ver uma foto que ela havia postado com uma de suas transformações para Anubis. Como drag, a primeira apresentação de Anna ocorreu durante o processo de pesquisa deste trabalho, em um evento beneficente realizado na escola onde estuda. Não consegui acompanhar a apresentação por ser restrita, mas a acompanhei desde a montagem, em sua casa, até a entrada nos portões da escola. Por ser menor de idade, Anna me contou ter mais dificuldade em se apresentar, já que ainda não pode entrar em boates onde esse tipo de festas com apresentações para drag queens costumam ocorrer.

Anna afirma que seu primeiro contato com o mundo das drags foi ao assistir à 10ª edição do Big Brother Brasil, programa veiculado na TV Globo, em que um dos participantes, Dicésar, performava como a drag Dimmy Kieer. Na época, ela ainda era uma criança, mas relata ter ficado encantada com a possibilidade de “alguém poder ser uma pessoa de dia e outra à noite”. A partir daí, a vontade só cresceu. Para Anna, o fato de ser feminista a ajudou a questionar o porquê de não poder ser drag só por ser mulher, já que era algo que gostava tanto. “Eu sempre necessitei vomitar a minha forma de me expressar, vomitar minha arte para o mundo”.

Em um segundo momento da pesquisa, entrevistei cinco mulheres que integram o Coletivo Riot Queens. A escolha desse coletivo em si não foi proposital. Após indicação de Sophie Van Der Beek, drag da matéria publicada no site Freak Market, entrei em contato com todas essas mulheres sem saber que se conheciam. Após ter conhecimento disso e de que a primeira apresentação do coletivo seria durante minha pesquisa, tive ainda mais interesse.

Meu processo de entrevista com todo o grupo se deu em três momentos: 1) individualmente, via Facebook; 2) na Oficina da Malonna⁶, local onde todas se reuniram para se montar juntas antes do lançamento oficial do coletivo; 3) e na festa Cover Girl, onde, de fato, se apresentaram como drag queens pelo coletivo.

A primeira a me responder foi Mayna Venturini, que conheci anteriormente por Cherry Pop, já que entrei em contato pelo seu perfil de drag queen no Facebook. Mayna é branca, de classe média, tem 25 anos e é professora de inglês. Ela tem os cabelos cacheados e tingidos de vermelho. Sobre seu corpo, afirma: “não me considero nos padrões impostos, nunca me identifiquei com eles”.

Apesar de se montar há dois anos, performa há apenas dez meses. Para ela, começar a se montar não foi difícil, mas se apresentar, sim. “Começar a se montar hoje é bem fácil, o difícil é ir para o palco. A cena aqui em São Paulo ainda é bem panelinha e não são todos os lugares que abrem para drags novas, então, achar esse espacinho foi difícil, sim”. Cherry Pop foi a vencedora da penúltima edição da festa Cover Girl, proporcionando a ela a oportunidade de se apresentar com o Coletivo Riot Queens na edição seguinte, na qual tive a chance de estar presente. Sobre os gastos mensais que tem com sua montagem, ela calcula: “deve girar em torno de 200 reais, quando eu não preciso comprar *make* e nem tecido para figurino ou peruca. Quando preciso, vai fácil para uns 500”.

Mayna me contou que começou a se montar como distração, mas passou a levar a sério depois de entrar em crise após se graduar. No entanto, diz que o interesse surgiu mesmo quando tinha quatro anos e viu uma drag queen em um programa do Silvio Santos. Sobre a Cherry Pop, Mayna afirma ser uma extensão dela mesma. “Ela não tem uma história de *background* ou algo assim. Eu a criei como um meio de me expressar, de lutar e dizer coisas que desmontada eu não tinha ou tenho coragem”.

A segunda drag a me responder foi Julia de Freitas, a Lucy Fur, que também conheci pelo perfil de drag no Facebook, assim como todas as outras do coletivo. Julia tem 23 anos, é branca, de classe média, trabalha como funcionária pública e performa como Lucy há um ano e dois meses. Ela tem os cabelos lisos e tingidos de loiro, além dos olhos verdes, mas também

⁶ Drag queen conhecida e respeitada na cena de São Paulo. O local funciona como um ateliê de figurinos e adereços para teatro, cinema e TV com serviço de maquiagem artística e social onde também são oferecidos workshops (descrição baseada nas informações contidas na fanpage do espaço no Facebook). Disponível em: <<http://goo.gl/XEpnkV>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

não se considera dentro dos padrões de beleza atuais: “sou gorda e a sociedade simplesmente exclui o gordo de quase todos os locais e atividades sociais”.

Seu primeiro contato com as drags foi ao ver as transformistas de um dos programas do Silvio Santos, mas a vontade de começar a se montar surgiu ao assistir ao *reality show* RuPaul's Drag Race⁷. De acordo com Julia, Lucy ainda está em fase de construção, mas, assim como Mayna, trabalha a personagem como outra versão de si mesma. “Eu vejo a Lucy como uma versão exagerada de mim, da Julia. Ela é mais atirada, mais escandalosa e mais ácida do que eu normalmente seria, mas acredito que ainda há pontos a serem trabalhados, como separar a personagem de quem eu sou no meu cotidiano”.

Apesar de já ter se apresentado, Julia afirma que seu foco como drag é mais visual e comenta também sobre a dificuldade de levar a performance como um meio de sustento. “Eu não pretendo viver de drag - afinal, é quase impossível, ainda mais com o preconceito que ainda existe com mulheres que fazem drag -, então, eu uso mais como uma forma de escapar um pouco da minha vida normal, uso mais como uma terapia para mim mesma”. Em relação aos gastos mensais, ela afirma que a média é de 70 reais: “já cheguei a gastar mais de mil reais com uma única montagem, mas acho que a média é por volta de uns 70, contando algum acessório ou peruca que eu precise comprar”.

Assim como o de Julia, o interesse de Isabel Cavalcanti, que é fotógrafa e produtora, também surgiu com o programa RuPaul's Drag Race. Isabel é branca, de classe média e tem 30 anos. Com os cabelos ondulados e pintados de vermelho, ela afirma que se considera dentro dos padrões de beleza atuais: “pensando no privilégio de que sou branca, apesar de um pouco acima do peso, me considero, sim”.

Com a personagem Greta Dubois há um ano e algumas apresentações no histórico, Isabel comenta que esse tipo de performance é algo intrínseco a ela. “Eu comecei a brincar de tentar me montar muito como uma fuga e como distração. Não estava em um momento familiar muito bom e estava desempregada, ainda. Acho que sempre tive uma drag reprimida dentro de mim, sempre senti o desejo de usar roupas, maquiagens e perucas espalhafatosas. Sempre fui muito interpretativa nas músicas e sempre procurei uma forma de me expressar,

⁷ Realizado desde 2009 pela produtora World of Wonder, RuPaul's Drag Race é um *reality show* estadunidense idealizado e apresentado pela drag queen Join RuPaul. Por meio de uma competição aberta apenas para homens cis e mulheres trans, o programa quer encontrar a drag perfeita para receber o título de "America's Next Drag Superstar". Disponível em: <<https://goo.gl/3UMZQg>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

fiz faculdade de fotografia, cinema, mas sempre achei que estava faltando algo. Quando me aprofundei na arte drag, com a Greta, eu passei a me sentir completa, me realizei”.

Assim como Mayna e Julia, Isabel também interpreta sua drag como uma extensão do que ela é. Para criar a personagem, ela reúne todas as referências que possui, tanto relacionado ao figurino quanto à maquiagem. A criação vai depender da inspiração do momento. Isabel diz que ainda não firmou um estilo para Greta, mas dá a ela certa especificidade de personalidade. “Greta é a Zibel mais expansiva, mais exagerada, uma drag tropicália, brasileira até o dedo do pé. É a #DragdoAmô e veio a esse mundo para espalhar arte e amor”. Questionada sobre seus gastos mensais com a montagem, Isabel me fala que é entre 20 e 100 reais, um valor que considera baixo e que diz manter por estar desempregada.

A penúltima personagem que respondeu ao meu contato foi Fernanda Almeida, que performa como a drag Pamela Saphic há um ano. No entanto, seu flerte com a montagem de drag existe desde os 14 anos. Atualmente, Fernanda, que é parda, de classe C e tem 22 anos, trabalha como recepcionista. Magra e de cabelos curtos e escuros, ela diz não se encaixar dentro dos padrões de beleza: “não estou dentro dos padrões de beleza por eu ter uma aparência e um jeito bem masculino em 70% do tempo”.

Fernanda afirma que brinca de se maquiar desde os 12 anos, mas de uma forma diferente, já que, segundo ela, gostava de fazer traços mais exagerados e nada populares entre as maquiagens da moda para o público adolescente da época. Segundo ela, sua drag é uma bagunça criativa e econômica. “Como o meu foco principal é a performance de palco, eu passo muito mais tempo analisando e montando coreografias e looks do que testando *make*”. Sobre seus gastos mensais com a montagem, ela fala: “eu gasto o mínimo possível, pois um dos objetivos da minha drag é criar looks reciclando e reutilizando coisas. Então, por mês devo gastar uns 50 reais. O gasto real é com transporte e entrada nas festas em que não ganhamos VIP⁸”.

Para ela, atuar como drag foi a forma que encontrou para se expressar melhor. “Desde muito nova eu sou apaixonada por artes em geral, dança, maquiagem artística e atuação. Então, minha drag acabou sendo uma maneira de expressar quem sou e minhas revoltas de forma completa”.

Depois que começou a levar a montagem a sério, Fernanda enfrentou problemas de aceitação com a família e foi expulsa de casa. “Minha família é declaradamente contra,

⁸ Fernanda se refere às festas que não pode entrar de graça.

inclusive, foi um dos motivos de eu ter saído da casa dos meus pais”. Ela acredita que a principal razão para o preconceito foi o fato de a figura de drag queen ainda ser marginalizada. “Minha família alegava que drags eram prostitutas e que eu não ia continuar com isso, não na casa deles. Estou há oito meses fora da casa dos meus pais e minha drag cresce a cada dia mais”, comemora.

Por último, entrevistei Bruna Tieme, que só consegui entrar em contato no dia da montagem do coletivo, na Oficina da Mallona. Bruna tem 19 anos, é mestiça⁹, de classe média, atriz, dançarina e maquiadora. De cabelos lisos e tingidos de loiro, Bruna fala sobre sua aparência: “não me considero padrão, até porque sou gorda e não branca”. Há nove meses, se monta como Ginger Moon.

De acordo ela, o interesse surgiu porque não conseguia suprir suas necessidades artísticas nas atividades que praticava de forma individual. “Eu sempre fui da arte, mas não me encontrava de uma forma que me acolhesse em tudo. Fazer drag me proporcionou isso”. Sobre os gastos com a montagem, Bruna fala que nunca colocou no papel quanto gasta por mês.

Ao falar de Ginger Moon, ela afirma que o processo criativo ainda está acontecendo, mas destaca que sua drag não é apenas uma personagem, mas uma parte dela, de quem ela é, mas que não mostra como Bruna. Sobre essa relação da personagem com o agente que o cria, presente no depoimento de todas as entrevistadas, Gadelha (2012) analisa:

As personagens drags são como novas versões dos agentes que as criam e as vivem. Ao montar como drag, o agente experimenta um processo de *transportation*, pois o praticamente da montagem drag é evado a um mundo recriado momentaneamente, a envolver-se na experiência singular de tornar-se outro, de tornar-se um personagem sem deixar de ser si mesmo (GADELHA, 2009, p.101).

Sem muitas ideias no começo, Bruna diz que foi difícil começar a se montar, mas que Fernanda a ajudou. Além disso, lamenta que, apesar do apoio das tias, a mãe ainda não aceita bem sua atuação como drag queen.

4.1. Existe mulher drag?!

É interessante perceber como ainda há um conceito limitado sobre o que é uma drag queen, normalmente relacionada ao homem que se transveste com características femininas

⁹ Procurou-se trazer mais diversificação à etnia das personagens selecionadas. No coletivo, há uma menina negra, no entanto, ela optou por não participar da pesquisa.

exageradas (VENCATO, 2002). De fato, o significado original do termo está relacionado a isso, como já foi citado aqui. No entanto, atualmente, há a necessidade de entender o princípio fluido deste conceito. Butler fala sobre esse ideal de análise temporal e constante em seu artigo *Imitação e Insubordinação de Gênero* (1996):

Ao reconhecer a temporalidade estratégica do signo (em vez de seu essencialismo estratégico), essa identidade pode se tornar um lugar de debate e revisão. De fato, engajar-se num futuro conjunto de significações que aqueles de nós que a usamos podemos não ser capazes de prever. É na salvaguarda do futuro dos significantes políticos – preservando o significante como um lugar de rearticulação – que Laclau e Mouffe distinguiram sua promessa democrática (BUTLER, 1996, p.377, tradução própria).

Autores contemporâneos como Fagner (2012), Gadelha (2009) e Vencato (2002) trazem em seus trabalhos uma visão diferenciada das questões de gênero relacionadas ao ser e fazer drag queen. Em 1996, a própria Butler já discutia uma nova maneira de pensar os princípios do gênero na atuação da drag queen, diretamente relacionada aos seus estudos sobre performatividade de gênero. Afinal, o que é um corpo drag senão um corpo performativo, um corpo em performance? (GADELHA, 2009):

Me lembro muito claramente quando li pela primeira vez no livro de Esther Newton, *Mother Camp: Female Impersonators in América* que drag não é uma imitação ou uma cópia de algum gênero anterior e verdadeiro; de acordo com Newton, a drag representa a própria estrutura da personificação através do qual qualquer gênero é aceito. Drag não é o vestir-se de um gênero que pertence propriamente a algum outro grupo, isto é, um ato de expropriação ou apropriação que supõe que o gênero seja uma propriedade direta do sexo, que “masculino” pertence ao “macho” e “feminino” pertence à “fêmea”. Não há gênero “certo”, um gênero mais adequado para um sexo que outro, que é, de certa forma, essa propriedade cultural do sexo. Onde essa noção de “adequação” opera, está sempre impropriamente instalado como efeito de um sistema compulsório. Drag constitui a forma mundana na qual os gêneros são apropriados, teatralizados, usados e feitos; isso implica que todo o “gendramento” é um tipo de personificação e aproximação. Se for verdade, parece, não há gênero original ou primário que a drag imite, mas gênero é um tipo de imitação para o qual não há origem; de fato, é um tipo de imitação que produz a noção de original como efeito de consequência da própria imitação (BUTLER, 1996, p.378, tradução própria).

Apesar de já haver essa discussão, o preconceito no mundo LGBTQI com drags mulheres existe e, muitas vezes, se torna uma constante na vida das que participam ativamente da cena. Durante minha pesquisa, apenas uma das personagens entrevistadas afirmou nunca ter sofrido preconceito por ser mulher e atuar como drag, a Anna. No entanto, ela explica: “eu comecei com muito medo de sofrer preconceito, mas fui apoiada pela grande maioria. Talvez eu não tenha sofrido porque ainda não fui para a balada para ver como realmente é”. No caso das integrantes do Coletivo Riot Queens, todas possuem alguma

história para contar. Além disso, pude presenciar algumas discussões do tipo em páginas e grupos do Facebook dedicadas ao mundo drag. Todos os casos estavam relacionados ao ideal de que apenas homens podiam atuar como drag queens e que para a mulher seria mais fácil por já apresentar traços femininos.

Entre os depoimentos que coletei, está o de Julia, que diz já ter sofrido preconceito tanto em festas quanto na Internet: “já tive produtor de festa falando que não é só porque eu colocava uma maquiagem na cara que eu poderia me achar uma drag queen, e que eu era apenas “uma louca de peruca”. Já li muita drag na internet falando que, para a mulher, ser drag é fácil demais, e muito homem gay falando que mulher não era drag de verdade”. Isabel também revela as situações que já passou: “já sofri muito. Já ouvi ‘não tem nada de interessante e revolucionário, mulher de maquiagem’, mas o que mais me pegou foi o que uma drag antiga me disse quando a cumprimentei: ‘que linda, você vestida de drag queen’. É pesado, eles não levam a sério. Somos encaradas como alguém que está brincando de fazer drag, como se fosse uma fantasia de carnaval, saca? Muitas vezes, temos que exagerar ao quadrado, desconstruir muito mais o nosso rosto. Já um homem é encarado como drag apenas por parecer mulher. E sim, demoramos a mesma quantidade de tempo que qualquer homem para se montar, as únicas diferenças é que não temos barba para fazer nem ‘piroca’ para esconder”. Já Fernanda, além de relatar o preconceito sofrido dentro da comunidade gay, reclama da falta de visão dada às outras orientações sexuais e identidades de gênero: “eu sofro muito preconceito dos gays consumidores de cultura drag e das próprias drags feitas por homens. Eles ignoram o fato de que essa cultura também pertence às ‘sapas!’¹⁰”.

Sobre essa visão mais delimitada sobre o que é ser drag, Vencato (2002), em sua tese, inclusive discorda de Jatene (1996), uma das autoras citadas em sua pesquisa, quando esta descreve as drags como homens que se “montam” de mulher para encenar, além de se referir às drags com o artigo indefinido masculino “os”:

Pautada em minhas observações de campo, discordaria da autora em alguns pontos como, por exemplo, o fato de referir-se às drags como os drags. Também não me parece que as drags se montam “de mulher”. O fato de não quererem ficar parecidos com mulheres, inclusive, é apontado por elas como aspectos que as distinguem das travestis e dos transformistas. Ainda, não são todas as drags que se transformam em sua personagem: a transformação se dá em escalas com grande grau de variação entre uma drag e outra e, mesmo, entre um momento e outro em que se montam (VENCATO, 2002, p.38).

¹⁰ Gíria para lésbicas.

Assim como Vencato (2002), Gadelha (2009) também discute e analisa a subjetividade do que se deve encarar como drag queen quando falamos de gênero, contestando a ideia de que apenas homens devem atuar como drag queens e que, para mulheres, esse trabalho seria supostamente mais fácil:

O corpo drag não é o modelo de corpo da representação mulher nem o modelo de corpo da representação homem. O corpo drag pode vir a ser um corpo feminino, sendo que não é um corpo masculino. As drags não se encontram aqui nem lá na gramática sexista do social. Elas estão em uma situação liminar perante as regras de gênero dominantes, já que não são, de uma vez por todas, homens nem mulheres, tampouco masculinas ou femininas, experimentando o que já de fugidio nos segmentos dutos de gênero, sexo e sexualidade (GADELHA, 2009, p.79).

É interessante notar como a conceituação teórica trazida por esses autores está diretamente relacionada aos depoimentos coletados durante a minha pesquisa. Em um dos momentos da entrevista com Fernanda, ela contesta: “drag não se resume a uma figura feminina, não se resume a salto e maquiagem. Esses são apenas alguns dos utensílios não obrigatórios para drags. Nós temos drags andróginas, drags que nem sequer são figuras humanas, nós não temos obrigação nenhuma com a realidade e padronização. Sei que muita gente é desinformada, acreditam que drag está fundado e enraizado em ser feminina e só. Mas se a minha drag for um unicórnio incrível, “pirocudo”, do espaço?! Quem vai vir me ‘peitar’ e dizer que não sou drag? Que sou apenas uma mulher de salto e maquiagem?”.

4.2 A experiência e a liberdade

E, afinal, como essas seis mulheres encaram o fazer drag? Como é, para elas, sair da “zona de conforto” dos padrões de beleza da sociedade, assumir um espaço originalmente masculino e, ainda, engolir a timidez e encarar apresentações em palcos para plateias de diversos formatos?

Sinônimo de liberdade. Essa foi a afirmação presente na fala de todas as personagens estudadas neste artigo quando fiz os questionamentos acima. Confesso que, para mim, como pesquisadora, mas, antes de tudo, como mulher, foi emocionante ver nos olhos de todas elas o quanto ser drag era tão importante e significativo. Para Bruna, “drag é liberdade de expressão de si mesma. Quando estou montada, eu mostro tudo que eu tenho por dentro que queria mostrar externamente, mas que, antes, não conseguia”. Anna também teve a mesma opinião, sobre mostrar como se é por dentro: “ser drag é ser livre, ser o que quiser, deixar exatamente exposto aquela pessoa que você esconde todos os dias”. Isabel fala que ser drag proporcionou

a ela uma liberdade que nunca tivera antes: “eu me sinto maravilhosa, é quase inexplicável o que sinto quando me vejo montada no espelho. Eu me sinto como arte que anda”.

O que pude notar é que a liberdade na atuação como drag relatada por essas mulheres está relacionada não só como uma conquista pessoal, mas como uma proposta de ativismo político (influências de esquerda) e feminista, visando questionar problemáticas como a misoginia, as relações patriarcais, padrões de beleza, sexualidade feminina e direitos civis. Julia fala, por exemplo, que “ser drag queen é ser livre, ser política, quebrar padrões impostos pela sociedade. Eu não aceito quem diz que drag é só ‘close’¹¹, só diversão. Quem já sofreu assédio na rua, quem já apanhou por ser homossexual, essas pessoas sabem que drag é muito além de close, é resistência”. Para Mayna, ser drag é tirar a plateia da zona de conforto: “é uma maneira de ser política e de lutar. Mesmo que não seja sua intenção, a partir do momento que você decide colocar um fim nos estereótipos de gênero, você já está fazendo uma declaração política. “Eu não sou assim e não vou aceitar que a sociedade dite quem eu sou”. E isso é maravilhoso e libertador”. A mesma visão é compartilhada por Fernanda, que diz: “pessoalmente, ser drag é afrontar o machismo e a misoginia que tenta nos calar dia após dia, afrontar os padrões de gênero, afrontar as gays que acham que sapatão é só MPB e violão. Meu lugar é onde eu quiser, inclusive no palco, como drag!”.

Além dos relatos, essa atuação pode ser percebida em mais dois exemplos. O primeiro é no nome do coletivo, que se chama Riot Queens, que se refere a um termo muito utilizado dentro do movimento feminista contemporâneo, Riot Grrrl¹². Pamela, inclusive, fala da importância do feminismo e da presença de mulheres nesse meio: “A drag pode ser uma grande homenagem ao poder feminino, quebra de padrões etc. Vemos que algumas drags feitas por homens muitas vezes têm um comportamento bem estereotipado do que acreditam serem comportamentos ‘de mulher’, por isso mesmo é tão importante as mulheres neste meio. A gente precisa apontar, debater e mudar algumas coisas que só nós podemos enxergar. Nós é que realmente podemos expressar isso com propriedade”. A intenção de utilizar o feminismo como influência também pôde ser percebida nas letras das músicas de apresentação do coletivo na festa Cover Girl: “my pussy é o poder¹³” e “porque nem toda feiticeira é corcunda/ Nem toda brasileira é bunda/ Meu peito não é de silicone/ Sou mais macho que muito

¹¹ "Dar pinta, mostrar afetação" (FAGNER, 2009).

¹² The name is a feminist reclamation of the word girl with a less polite and more assertive political stance. Riot Grrrl/Grrl refers to a very loosely connected group of punk feminists who publish zines and play in bands. The coinage of the term grrrl is frequently attributed to Kathleen Hanna, a member of the band Bikini Kill (ROSENBERG; GAROFALO, 1998, p.809).

¹³ Música interpretada pelo grupo de funk carioca Gaiola das Popozudas.

homem¹⁴”. Já Anna, em sua apresentação, utilizou a música “*Who run the world (Girls)*”, da cantora norte-americana Beyoncé.

O segundo exemplo do ativismo realizado por essas drags mulheres foi no final da apresentação do coletivo. Ainda no palco, elas levantaram um cartaz escrito “Fora Temer”¹⁵, o que mostra, também, a intenção de deixar claro o posicionamento político do coletivo e transformar isso em parte do espetáculo. Na ocasião, a maioria dos presentes na boate repetiu, gritando, o mesmo conteúdo do cartaz. O ato durou alguns minutos.

4.3 Amapô¹⁶ empoderada

A partir do modelo de processo de empoderamento proposto por Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008), proponho para este trabalho a análise a partir do nível individual. Entendo a importância de avaliar a experiência no fazer drag das personagens estudadas nos três níveis, no entanto, para este primeiro estudo, considero que este seja o mais pertinente para trabalhar separadamente.

É possível entender a relação entre as transformações propostas pelos autores - aumento da força interior, da capacidade de decisão e de liderança (MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008) - e os efeitos que a atuação como drag queen causou nas personagens aqui estudadas a partir dos depoimentos coletados e dos comportamentos notados durante a minha pesquisa de campo. Ao serem questionadas sobre o que o fazer drag proporcionou a elas, obtive respostas diretamente relacionadas ao aumento de autoestima, de segurança para lidar com outras pessoas e de poder de decisão sobre sua própria vida.

Julia afirma que, quando faz drag, se sente linda, o que, muitas vezes, não ocorre quando ela está desmontada: “acho que faz muito bem para a minha autoestima, eu faço aquela maquiagem que eu nunca faria para, sei lá, ir trabalhar, e me acho maravilhosa! Além disso, ajudou muito na minha forma de ver o mundo, a quebrar preconceitos, a me relacionar melhor com as pessoas e ser menos fechada no meu próprio mundo”. Já Fernanda cita novamente o ideal de liberdade para ser o que quiser e criar o que quiser: “eu me sinto ótima, a autoestima melhora, a gente sente o poder. É muito gostoso!”. Para Anna, a experiência de ser drag está relacionada a uma liberdade de se vestir sem ser assediada, uma realidade

¹⁴ Música originalmente interpretada por Rita Lee.

¹⁵ À época, brasileiros aguardavam pela decisão do impeachment da presidente do Brasil Dilma Rouseff (PT), no qual o seu substituto, como veio a acontecer, seria Michel Temer (PSDB).

¹⁶ Gíria utilizada para se referir à mulher. (FAGNER, 2008)

distante para as mulheres: “mulher no Brasil tem que ter cuidado com a quantidade de “make” ou o tamanho do short quando sai de casa, mas a drag tem uma imagem intimidadora que me proporciona ser o que eu quiser e não ter medo, porque ninguém vai mexer com uma drag. Me proporciona euforia, vontade de viver, não ter medo de ser eu mesma”. Mayna é mais objetiva na descrição, mas também cita liberdade: “é uma experiência que me proporciona liberdade, força e confiança”.

É importante destacar que a autoestima está relacionada à percepção que essas mulheres têm do próprio corpo. Como já citado aqui, todas as integrantes do coletivo se consideram fora dos padrões de beleza atuais, fazendo com que esse estímulo de se aceitar como são seja ainda mais importante. Sobre isso, Isabel faz uma reflexão interessante sobre a atuação de drags mulheres e a relação disso com empoderamento: “questionamos desde o padrão de comportamento como padrões de corpo, vestuário e maquiagem. Vemos drags mulheres gordas maravilhosas mostrando o seu corpo e tendo orgulho dele, vemos mulheres que nunca passaram um delineador e só usam batom nude tendo coragem de se aventurar no mundo da maquiagem. E vemos mulheres reprimidas pela sociedade e família podendo se libertar e serem quem realmente são quando estão *in drag*”. Ao trazer uma referência pessoal, Bruna também faz essa reflexão: “traz muito mais autoconfiança, você começa a botar o foda-se para todo o mundo. Quando a gente tá em um mundo que é muito normatizado, a gente se esconde muito, é muito difícil ser você mesma, e a drag me trouxe isso. Eu associo muito a minha drag com feminismo, então eu faço uma junção dos dois e estou melhorando mais”.

Empoderamento é uma palavra importante para essas mulheres por toda a mudança que a arte drag tem causado na vida delas. Acompanhando as postagens de todas no Facebook, pude coletar que três delas possuem sintomas ou diagnóstico de depressão - Bruna, Julia e Mayna -, e que ser drag queen tem ajudado as três no enfrentamento da doença. Em uma dessas ocasiões, Bruna fez um post em seu facebook pessoal acompanhado de uma foto como Ginger:

Eu vou contar uma historia pra vocês, de uma mina que há um ano atrás só chorava e não sabia mais o que fazer porque se esgotava todo dia psicologicamente. Uma mina que fazia teatro, dança, canto mas, sentia que não era o suficiente pra se expressar. Essa mina conheceu o que é ser “drag” e daí parece que tudo começou a fazer sentido, foi possível juntar tudo o que ela ama na arte em uma arte só. Essa mina conheceu pessoas incríveis que sempre foram “as estranhas” que nem ela e percebeu que ser estranha, afinal, era o que ela queria ser. Você quer ser estranho ou ser mais um? Eu sou essa mina e a drag me salvou (conteúdo retirado do perfil pessoal de Ginger no Facebook em setembro de 2016).

Além de ouvir esses depoimentos, tive a oportunidade de presenciar essa transformação ocorrendo no dia que acompanhei a montagem do coletivo para a festa Cover Girl, além da própria festa, assim como a montagem de Anna para sua apresentação na escola onde estuda.

Dessa forma, pude ver como uma maquiagem, uma fantasia e uma performance fizeram com que, durante e após a montagem, essas mulheres deixassem a timidez e a insegurança de lado, com ressalvas à particularidade da personalidade de cada uma, para trazer à tona personagens atrevidas, sensuais, corajosas, caricatas, exibidas e divertidas, prontas para o espetáculo e para o “afrente”, como defende Fernanda.

5. Conclusão

É importante ressaltar que o objetivo neste tópico não é trazer uma análise conclusiva para esta pesquisa, visto o quanto é discutido aqui sobre o conceito de fluidez e mutabilidade do fazer drag, mas apresentar algumas considerações sobre o processo de estruturação e análise deste trabalho. Durante três meses, acompanhei seis drag queens mulheres com a maior proximidade que me foi permitida, em suas casas, espaços de montagem, palcos e pelos seus perfis no Facebook, afinal, costumamos falar muito sobre nós e nossas vidas nas redes sociais, fazendo com que esse seja um rico ambiente de pesquisa. Aqui, foi buscado relatar não só o que vi ou percebi, mas também o que as personagens desse trabalho sentiam ou pelo menos a emoção que entendi que elas sentiam durante os depoimentos.

Entre os principais problemas que surgiram durante o andamento dessa pesquisa foi a falta de uma bibliografia específica sobre drags mulheres. Falar sobre um tema tão pouco explorado principalmente na literatura brasileira fez com que eu me sentisse mais insegura sobre a forma ideal de estruturar este trabalho, além de sentir uma responsabilidade muito maior em fazer algo que possa servir de referência para trabalhos futuros sobre a mesma temática.

Outro desafio foi analisar em um espaço mais limitado seis personagens de vidas tão únicas e com personalidades tão individuais sobre suas experiências com uma atuação tão complexa quanto elas mesmas. Por isso, espero ter registrado aqui de forma clara e honesta o que pude observar e analisar durante minha pesquisa de campo e ter selecionado as abordagens mais pertinentes para um entendimento geral sobre os questionamentos lançados no início deste artigo: mulher pode ser drag queen? Para elas, o que significa ser uma drag

queen? O que isso proporciona para elas como mulheres? Como lidam com o preconceito de atuar como drags no meio LGBTQI?

Como pôde ser analisado neste trabalho, o conceito de drag queen não se resume ou se restringe pelo gênero da pessoa que está performando ou pela idealização passada de que drag queen é apenas a corporificação e imitação do feminino, pois as representações são muito mais complexas e fluidas, assim como Butler (2015) e Scott (1989) defendem que a noção de identidade de gênero pela sociedade deveria ser. Para as mulheres que entrevistei, ser drag queen significa muito mais do que criar um personagem e montar um espetáculo, é sinônimo de liberdade, de ativismo e de luta política e feminista. Significa ser de verdade, existir em sua forma plena, ter liberdade, segurança de si, aceitar-se. Junto à minha análise dos conceitos trazidos por Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008), tentar ouvir, sentir e entender de forma plena o que as participantes dessa pesquisa me passaram foi indispensável para compreender a essência do que a arte drag queen trouxe para elas: o empoderamento. A forma como lidam com o preconceito é resultado direto do que o fazer drag queen proporciona para elas. A partir do ganho de confiança e autoestima, além da participação ativa em agendas como a política de esquerda e o feminismo, essas mulheres ganham forças para bater de frente com qualquer preconceito sobre suas atuações como drags, mas, acima disso, buscam conviver em harmonia com todos os gêneros.

Ainda assim, durante a estruturação deste artigo, percebi muitas outras abordagens interessantes de serem tratadas e que, eventualmente, podem ser analisadas em uma outra oportunidade, como investigar de forma mais específica o perfil de cada mulher/drag entrevistada nesta pesquisa e analisar os outros níveis de empoderamento - relacional e contextual - citados aqui. Por fim, acredito que outra abordagem interessante seria analisar o papel de Rupaul's na disseminação da cultura drag contemporânea relacionando consumo com comunicação de massa.

Uma das observações a serem destacadas neste momento final é que, a partir desta pesquisa etnográfica, foi possível perceber que, para essas mulheres, ser drag é, antes de tudo, um ato de resistência. Resistência contra o machismo, contra a misoginia encontrada no próprio ambiente LGBTQI, contra a imposição de padrões de beleza, contra a limitação da arte, contra os medos e a insegurança de si mesmas, contra os conceitos normativos de identidade de gênero. Para as mulheres estudadas aqui, drag é arte, espetáculo, metamorfose, liberdade e resistência, drag é afronte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRD, William L; RUBENSTEIN, Harry. **Design for Victory: World War II Poster on the American Home Front**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1998. 111 p.

BENTO, António. **Investigação quantitativa e qualitativa: dicotomia ou complementaridade?** Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira), no. 64, ano 7, 2012, pp. 40-43.

BUTLER, Judith. **Imitation and gender insubordination**. In: Women, Knowledge, and Reality: Explorations in Feminist Philosophy. Abingdon: Routledge, 2015. 448 p.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015. 238 p.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. Estudos de Psicologia. Florianópolis, 9(3), 2004, pp. 471-478

COSTA, Tatiane. **O show das poderosas: Anitta e a performance do sucesso feminino**. Artigo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

FACEBOOK, **Oficina da Malona**. Disponível em:<<http://goo.gl/XEpnkV>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

FILHO, Amílcar Torrão. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cadernos Pagu. São Paulo, no. 24, jan./jun. de 2005, pp.127-152.

GADELHA, Juliano J. B.. **Masculinos em mutação: a performance drag queen em Fortaleza**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2009.

GEERTZ, Clifford. **Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico**. In: O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 85-107.

GERHARDT; Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IMDB, **RuPaul's Drag Race**. Disponível em:< <https://goo.gl/3UMZQg>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAGESTE, Gizelle de Souza; MELO, Marlene C. O. L.; CKAGNAZAROFF, Ivan Beck. **Empoderamento de mulheres:** uma proposta de análise para as organizações. Artigo. V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 17, no. 49, junho de 2002, pp.11-29.

MARTINS, Clitia Helena Backx. **Trabalhadores na reciclagem do lixo:** dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MENDES, Gil Luiz. **A menina que virou drag queen.** Freak Market, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/e4DWim>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, Verônica Macário de; MARTINS, Maria de Fátima; VASCONCELOS, Ana Cecília Feitosa. **Entrevistas "em profundidade" na pesquisa qualitativa em administração:** pistas teóricas e metodológicas. Artigo. Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

ROSENBERG, Jessica; GAROFALO, Gitana. **Riot Grrrl:** revolutions from within. Signs, vol. 23, no. 3, 1998, pp. 809–841.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar:** uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

_____. **Meu nome é “Híbrida”:** corpo, gênero e sexualidade na experiência drag queen. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. Argentina, ano 4, no. 9, ago./nov. de 2012, pp. 65-74.

SCOTT, Joan. **Gender:** a useful category of historical analyses. New York: Columbia University Press, 1989. Traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

SOUZA, Rodrigo. **Do gênero ao artifício:** por um desengendramento das montagens das drag queens. Artigo. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

THE Free Dictionary, **LGBTQI.** Disponível em <<http://goo.gl/v5AUEH>>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags:** corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.